

Marcia Regina Motta

A experiência institucional com usuários de drogas suscita uma série de questões, que conduzem a múltiplas respostas na tentativa de dar conta da especificidade dessa manifestação, que para Freud no texto “Mal Estar na Civilização” (1930) se constitui como uma saída: “na impossibilidade da fuga na doença nervosa o sujeito escolhe a droga como uma solução para o seu mal estar” e complementa “quando o sujeito não pode encontrar um sintoma satisfatório para ele passa a escolher a via da consolação pela intoxicação crônica”.

Pode se pensar ainda que a toxicomania viria a se constituir como uma das respostas ao discurso dominante de consumo, vigente na busca de gozo. Onde o que se tem é um gozo que encontra na droga uma via de satisfação. Apresentando o gozo imediato, intenso e sem limites, produzindo uma lógica da exclusão (MELMAN, 1992).

Ângela Valore (1999) aponta que a toxicomania no que diz respeito a sua relação com a adolescência, pode ser reconhecida como montagem tóxica, onde pode não haver nenhuma ligação com o objeto droga, mas em cujo funcionamento há algo de fortemente tóxico que se revela. Deste modo, tal quadro deve ser entendido em função da problemática narcísica, quando não há o endereçamento de um olhar desejante para o sujeito, e, também, da fragilidade da função paterna, quando não oferece suporte simbólico necessário para sua ancoragem.

Entretanto, não deve nos passar despercebido, que a toxicomania enquanto tomada como unidade homogênea, conduz a conclusões equivocadas, e usuários de drogas são confundidos com toxicômanos. Um engano que conduz à indiferenciação. Cabe ressaltar que consumir drogas não determina uma toxicomania. E mesmo está não é única mediante as diferenças psíquicas entre os diversos sujeitos que fazem da droga um tóxico. Assim, não podemos falar da toxicomania, mas das toxicomanias, apontando aí a multiplicidade sintomática em diversos sujeitos (TOROSSIAN, 2003).

Sem perder isto de vista, um impasse que se anuncia nesta prática refere-se a demanda de tratamento. Esta se reporta a um sujeito dividido, sujeito em falta, efeito da cadeia significativa, proveniente do Outro, igualmente em falta. Sujeito este que quando busca ajuda, o faz movido pelo enigma que lhe causa seu sofrimento, e do qual quer se livrar, porém sente-se impotente para tal e supõe que aquele para quem demanda terá a resposta e o sentido para o que lhe acontece. Este por sua vez ao não ocupar esta posição, mantém justamente o lugar do enigma, conduzindo o sujeito a interrogar-se e a produzir um saber.

Para o toxicômano, a droga vem tamponar esse efeito de divisão, ela se constitui como resposta para o seu mal, não há espaço para o interrogar-se, ele nos chega pleno de sentido e exilado do sujeito da palavra. E se a transferência é a suposição de um saber que se encontra no outro. Na toxicomania, o que se observa parece ser a inversão disto, ele é quem tem o saber do seu lado, o saber da droga, e o gozo desse saber. Ele sabe qual a melhor solução para o seu caso: medicamentos, desintoxicação, internamento etc. E frente a isto, responder de imediato a demanda com algo, só faz obstruir o caminho da emergência do desejo (TAVARES).

Os adolescentes que nos chegam encontram-se colados e identificados com um objeto, nada querem saber, nada querem pensar, encontram-se neste engodo imaginário e nele se mantém até que algo abale esta união: uma morte, uma ameaça de morte, questão judicial, etc. E há situações em que se encontram tão absolutamente tomados pelos efeitos de gozo proporcionado pela droga, que a internação se constitui num corte necessário para a entrada do sujeito em tratamento (TAVARES).

Cabe ressaltar que o tóxico não é a droga, no entanto, nas toxicomanias, a droga assume caráter de tóxico, e passa a ocupar um lugar singular no psiquismo. Angela Valore (1999) ao definir toxico, consegue ilustrar exatamente o modo como nos chegam os adolescentes. Ela diz:

“Eu diria que tóxico é tudo que é quente, que se infiltra, que satura. E também tudo o que faz estancamento, que impede as trocas, que não relança. Então, imagem alienante que cativa e não solta, intoxica. Identificação que não dá lugar ao jogo das identificações, intoxica. Palavra que não cinde, intoxica. Podemos, portanto, ter montagens tóxicas sem droga, assim como o tóxico, na toxicomania não é a droga, mas a montagem à qual ela adere”.

Como me disse um adolescente ao definir sua relação com a droga: “A gente se movimenta pela droga, não pensa pela droga, não come pela droga, faz tudo pela droga”.

E então, o que temos é a exclusão do sujeito em prol da experiência com a droga. É a estagnação. E o que se busca é transformar um saber sobre a droga em uma falta de saber, convocar ao deslizamento significante. Entretanto, o percurso institucional, se revela permeado de impasses que se revelam em atuações e desafios, como a recusa em comparecer aos atendimentos e as agressões que infligem a si e a outros.

Enquanto terapeuta ocupacional, na experiência clínica institucional, busquei por estratégias de tratamento que pudessem implicar o adolescente, tão exclusivamente dedicado ao consumo da droga e desterrado do desejo, num trabalho possível.

Neste sentido, o que se oferece é um espaço sustentado por diversas atividades, onde a criação não está relacionado à produção de obras de arte, inclusive pode nem existir produto ao final do trabalho, o que de fato interessa é o que é possível para cada adolescente, durante

um dado percurso. A ênfase não está no que foi criado e sim na possibilidade de que haja criação. Sendo que a razão para o oferecimento de algum material está ancorada na clínica do sujeito. Constituindo um espaço de criação, que favorece o deslocamento do sujeito em relação a droga. O que não se trata de um espaço como função de tamponar o vazio da droga, ou mesmo de ocupar o sujeito com atividades num intervalo de tempo, mas fazê-lo suportar o mal estar que o tóxico tenta suprimir (TAVARES).

Neste espaço os materiais utilizados, a obra e o próprio fazer são em si mesmos um sem significado prévio. E se na psicanálise a palavra adquire o sentido de construções de signos em um discurso, aqui o que se tem é um sujeito que pode se apropriar de um saber construído, um saber fazer com suas próprias mãos. E dentro de um campo transferencial é que as criações vão tornando-se significantes, entrelaçam-se num discurso e vão, assim, assumindo um sentido (FERNANDES, 2006). Como em seu caráter estrutural a transferência deve ser considerada enquanto suposição de saber sobre o outro, na terapia ocupacional atribui-se um suposto saber sobre o sujeito e sobre sua práxis, seu fazer, sua criação, o que, sustenta a função terapêutica e faz com que este espaço de criação ofereça aos adolescentes recursos que permitem a subjetividade aflorar na dimensão da obra, “tanto no que ela provoca quando o sujeito se percebe diante dela, quanto na criação em si, possibilidade de abertura que se reinventa de forma permanente” (TAVARES). Cabendo ao terapeuta ter um olhar que escuta num fazer algum dizer, “algo que possibilite um enlaçamento do sujeito no discurso, fazendo com que ele possa se mover num trabalho subjetivo” (TAVARES).

Frisando que o produto da criação e o processo do fazer não se tratam de uma psicobiografia de seu criador, é preciso operar de um lugar delicado, de onde não se tenha uma leitura contaminada pela própria vivência e, selvagememente, oferecida como verdade. Não há um técnica ou manual de interpretação. A intervenção ocorre como indicação de um possível sentido, dentre outros, um sentido como direção, não um significado, reconhecendo-se que sempre resta algo de não dito que alimenta o deslizamento dos significantes (AUTUORI, 2007).

Neste espaço é plausível intervir participando no processo de criação, é possível ao terapeuta juntamente ao adolescente colocar elementos, mudar uma ordenação repetitiva, adicionar algum tipo de novidade, de surpresa ou diferença no que está sendo produzido.

B., um adolescente de 15 anos, iniciou os atendimentos mostrando-se calado e parecendo alheio ao que ocorria ao seu redor. Não demonstrava iniciativa para realizar qualquer atividade e somente respondia monossilabicamente quando a ele se remetiam. Fiz a ele convites para criar algo, sugeri algumas possibilidades. Ele recusava. Até que passou a

fazer, o que denominou como “pixo”, que consistiam em letras estilizadas, as quais formavam a palavra “sufoco”. Questionei o que seria “sufoco”. E ele apenas respondia: “Sufoco é sufoco”. E nos dias seguintes, em várias folhas, produziu o mesmo “pixo”, sempre dizendo que “sufoco era sufoco”. Em determinado dia, sugeri a ele que acrescentasse outros elementos ao seu “pixo”. Ele concordou. E assim, ao redor da palavra “sufoco” ele escreveu seu apelido, números que se relacionavam com sua história de vida, e a cada dia, os “pixos” foram ganhando elementos novos. E à medida que isto ocorria, B foi apresentando-se mais comunicativo e brincalhão, mostrando-se mais atento ao que acontecia ao seu redor. Passou a pedir para realizar seu “pixo”, e pouco a pouco, foi envolvendo-se em outras atividades e o “pixo” foi ficando de lado.

Neste espaço, a criação acontece numa perspectiva de convivência entre os adolescentes, o que se visa é a promoção de laços sociais que foram rompidos pela identificação brutal com a droga. Além de se constituir como recurso, principalmente em casos em que se encontram comprometidas as relações sociais, familiares, laborativas, entre outras. Pois além de considerar a toxicomania na perspectiva que se refere ao sujeito, abre-se a possibilidade de considerá-la em relação ao laço social, na proporção em que é no laço social que a subjetividade se engendra. Ressaltando que embora, o trabalho ocorra dentro de um grupo, alguns princípios são tomados para pautar as relações neste espaço e ponderar as intervenções, a saber: o que se privilegia é o que cada um pode criar singularmente, sustentando as diferenças apagadas pelos efeitos imaginários do produto, isto é, respeito as diferenças, a preservação das distintas posições, dos momentos e dos tempos de cada um para enfrentar seus impasses (TAVARES; VINDICAS, 2003).

E observo que o grupo oferece uma riqueza de possibilidades identificatórias que se dá entre os adolescentes e entre eles e a terapeuta. Sendo o que posso chamar de caixa de ressonância um fenômeno freqüente. Que pode ser descrito, como aponta Zimmerman (2000), como um “campo composto por múltiplos fenômenos e elementos do psiquismo e, como se trata de uma estrutura, resulta que todos estes elementos, tanto intra como os intersubjetivos, estão articulados entre si, de modo que a alteração de cada um vai repercutir sobre os demais, em uma constante interação entre todos”. Neste sentido, a fala e o processo de criação, apresentado por um adolescente no grupo, ressoa em outro, o qual, por sua vez, vai transmitir um significado afetivo equivalente, ainda que, provavelmente, venha embutido numa narrativa e num processo de criação bem diferente, e assim por diante.

Outro aspecto percebido é a transformação de momentos de identificações homogêneas onde “ser noiado” (como eles dizem) e “saber sobre a droga” tomam conta da

fala dos adolescentes, para, aos poucos, depararem-se – através das intervenções – com as singularidades da história de cada um, suas insuficiências, vazios e significações (VINDICAS, 2003).

Em um determinado momento no grupo, em que a partir da opção de um dos adolescentes de produzir correntes e pulseiras, os demais participantes demonstraram a mesma preferência. E enquanto se dava o processo do fazer, no qual cada um escolhia o material que utilizaria, a forma que tomariam suas produções, bem como a técnica de realização – sendo que cada um se apresentava numa etapa deste processo – conversavam entre si. S., que apenas observava, contou que enquanto dormia em casa, sua mãe chamou a polícia, que então, o levou preso. Questionei quanto ao motivo que teria levado isto a acontecer. Ele não respondeu. T., que estava próximo e ouvia, disse que mãe era importante, que antes passava dias fora de casa e nem se importava com ela. S. novamente contou o episódio de sua prisão e então, perguntou-se por que a mãe havia feito aquilo. T. relatou que quando procurou tratamento teve retirado suas correntes e pulseiras, mas que agora daria a volta por cima. Fez várias pulseiras e correntes para si. Vestiu todas e ficou um tempo significativo, olhando para as mesmas em seus braços e pescoço. Enquanto isto, S. revelou que tinha parado de usar drogas, estava bem, e tinha um trabalho, mas que aí tinha retomado o consumo. D. (adolescente que já havia estado na instituição em momento anterior) entrou na conversa, e relatou que também havia parado de usar drogas, estava trabalhando, ajudava sua avó – que foi quem o criou – mas, que passou a sair com os amigos no final de semana e quando viu estava de novo usando drogas, resolveu procurar ajuda. T. interrompeu a contemplação de suas criações, e contou que também trabalhava, e que pretendia retornar ao mesmo. D. referiu o mesmo. Ao passo que S. ficou a repetir o que já havia falado sobre o episódio de sua prisão e enquanto falava, fez pulseiras e disse que seriam para presentear sua mãe.

Neste espaço de criação existe a possibilidade de “silenciar em alguns momentos, falar em outros, sem ter que dizer tudo ou supor que o peso da palavra enunciada lhe deixará transparente e em desamparo” (VINDICAS, 2003). É possível estar presente sem necessária precisar construir algo de concreto.

M. estava em seu segundo internamento. Relatou ter recaído após o rompimento com “sua mulher”. Um dia após ter recebido a visita da mesma – ocasião na qual havia lhe pedido em casamento e obteve como resposta: “Depois conversamos” – M. me pediu para ver o que havia feito, anteriormente ao dia da visita, para presentear “sua mulher”, mas que, no entanto havia esquecido de levar para entregar a ela. Percebeu que as letras de seus nomes estavam borradas. Disse-lhe que ele poderia refazer se quisesse, mas quem sabe de um modo diferente

e que assim, talvez fosse possível evitar que borrassem. Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa. Ele me disse os materiais que queria e pediu-me que o ajudasse, escrevendo seu nome, o de “sua mulher” e desenhasse dois corações. Após o que, deu prosseguimento a sua criação. Durante este processo, S. (o adolescente mencionado anteriormente), ficou sentado apenas olhando. E M., enquanto fazia, contou-me que havia pedido “sua mulher” em casamento, e que iria pedi-la novamente no próximo dia de visita, e foi contando de sua relação com a mesma. Ao terminar o que chamou de quadro, mostrou-me. Eu disse que este estava bem diferente do anterior. Neste momento, S., que até então permanecia calado e observando, pediu-me por material e solicitou minha ajuda para que escrevesse a seguinte frase: “Mãe te amo!”, depois, recortou as letras. Em seguida, M. me pediu papel de presente. Respondi que não tinha e sugeri outro tipo de papel. Ele concordou e escolheu a cor. Embrulhamos o quadro juntos. Ao final do que, ele pegou o embrulho demonstrando muito cuidado e entregou-me pedindo para guardar com muito bem. Momento no qual, S. concluiu sua criação. Havia colado as letras, formando a frase já citada, em uma superfície emborrachada, dispôs um aparato de mesmo material na parte posterior de modo que “o quadro” ficasse de pé. E mencionou estar ansioso com o dia de sua alta e não saber se iria pra casa ou voltaria para a delegacia.

Apresentar uma conclusão torna-se difícil, quando se toma como referência o trabalho aqui exposto, justamente porque ele permanece em movimento, se construindo e não há um estancamento das questões e impasses que surgem. No entanto, fazer uso deste espaço de criação tem se constituído como uma aposta de que em um gesto, em um movimento, em uma palavra, poderá surgir algo que fisgue o sujeito e de alguma forma, muito particular de cada um, abale a colagem com a droga. Sem que para isto se ocupe o lugar daquele que demanda, daquele que tem e ocupa o lugar do saber, daquele que sabe o que é o melhor, sabe o que se deve ser feito, falado e pensado. Deste modo, nada mais válido do que a fala de um jovem que após ter participado do que denominou “palestra”, cujo tema era “Projeto de Vida”, levantou sua mão pedindo a palavra e disse: “Quando eu sair daqui vou estudar, trabalhar, arranjar uma namorada e vou me dar bem com a minha família. Pronto! Era isto que você queria ouvir?”.

REFERÊNCIAS

AUTUORI, S. Clínica com arte: considerações sobre a arte no tratamento psicanalítico no campo da saúde mental, 2007. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Sandra_Autuori_2.pdf

FERNANDES, S. R. A transferência e a construção de um fazer criativo. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 3, set/dez., 2006.

MELMAN, C. **Alcoolismo, delinqüência e toxicomanias-uma outra forma de gozar**. SP: Escuta, 1992.

TAVARES, L. A. Expressão e Criação na Clínica da Toxicomania. Disponível em: http://www.ici.ufba.br/.../EXPRESSÃO_E_CRIAÇÃO_NA_CLÍNICA_DA_TOXICOMANIA.pdf

TROSSIAN, S. D. As contribuições da teoria psicanalítica para o entendimento das toxicomanias. **C. da APPOA**, Porto Alegre, n. 118, out., 2003.

VALORE, A. Adolescência e toxicomanias. Trabalho apresentado no “Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões” em “O adolescente e a modernidade”, tomo I, e publicado pela **Escola Lacaniana de Psicanálise – RJ**, em 1999.

VINDICAS (Grupo de Trabalho e Estudo das Manifestações Sociais Contemporâneas). O Dispositivo de Grupo como Possibilidade de Intervenção na Clínica das Toxicomanias **C. da APPOA**, Porto Alegre, n. 118, out., 2003.

ZIMMERMAN, D. E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

*Trabalho apresentado na “III Jornada da Adolescência-SERPIÁ”, em 2010.